

A trajetória migratória de Madalena entre Paraguai, Áustria e Brasil: memórias, redes e lugares

Vanucia Gnoatto; Marcos Leandro Mondardo

1 INTRODUÇÃO

“Foi nestes lugares que vim ao mundo, foi daqui, quando ainda não tinha dois anos, que meus pais, migrantes empurrados pela necessidade, me levaram para Lisboa, para outros modos de sentir, pensar e viver, como se nascer eu aonde nasci tivesse sido consequência de um equívoco do acaso, de uma casual distração do destino, que ainda estivesse nas mãos emendar. Não foi assim” (SARAMAGO, 2006, p.10).

A epígrafe do presente artigo é um fragmento do livro *As Pequenas Memórias*, do literato português José Saramago (2006). Nele, o autor traz presente as memórias de quando era pequeno e, mais especificamente neste trecho, nos dá ideia de sua mobilidade ainda quando criança. Como esse autor (José Saramago), nossa entrevistada também vivenciou uma mobilidade ainda quando bem pequena e, apesar dos momentos tristes, nos confidenciou pequenas memórias de sua infância até o momento atual de sua vida. Quando dizemos “pequenas” é porque queremos enfatizar que a análise não percorre toda a extensão de sua vida mas, sim, um momento não muito longo de espaço e tempo, relatado durante a entrevista.

O presente trabalho se baseia na análise de alguns fragmentos de memórias da trajetória de vida de uma imigrante nascida no Paraguai, mas que, quando emigrou para o Brasil, optou pela nacionalidade brasileira; era filha de imigrantes brasileiros que emigraram para numa época em que muitos fizeram o mesmo, em busca de oportunidades na atividade agrícola. A trajetória é de Madalena¹. Por meio de suas lembranças, desde a infância até a fase adulta, analisaremos sua mobilidade dentro do Paraguai, depois para a Áustria e para o Brasil. Nesses percursos, pode-se perceber o papel das redes familiares, sociais e o protagonismo das mulheres nos processos migratórios e nas atividades laborais, em especial, na abertura de empresa, caso da informante.

As memórias dessa trajetória foram construídas através de uma entrevista realizada na data de 3 de fevereiro de 2021, na modalidade de história de vida, realizada de forma on-line devido às restrições da pandemia. Como conhecemos Madalena? É importante informar que não a conhecemos presencialmente. O contato dela nos foi passado por uma amiga que temos em comum, que estava colaborando com a nossa pesquisa do doutorado. Como as trajetórias

migratórias que buscávamos não contemplavam nascidos/as no Paraguai, caso da entrevistada, agradecemos a ela, mas ficamos pensando ainda em sua história da qual, como a mesma afirma: “Poderia fazer um livro! [nesse momento, a entrevistada se emociona]. Todo mundo tem bastante coisa que passa na vida”.

Dessa forma, singelamente, este artigo visa contar e analisar a trajetória de vida de nossa entrevistada. No primeiro momento, faremos uma breve discussão sobre o conceito de memória, enfatizando como esta é trabalhada e possibilita a compreensão de uma trajetória de vida e migratória que se constrói em redes. Em um segundo momento, dividido em dois tópicos, trabalharemos as trajetórias migratórias da história de vida analisada. Por fim, retomaremos alguns elementos suscitados através desse estudo.

2 MEMÓRIAS E TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA ARTICULADAS POR REDE

As memórias que aqui trazemos referenciam vários lugares que fizeram parte da trajetória migratória de Madalena até o presente momento de sua vida, que, em grande parte, fazem alusão ao Paraguai e partem de um lugar, aqui no caso *Itakyry*. No livro *As Pequenas Memórias*, o imigrante Saramago, por mais que tenha vivido em vários lugares, como a nossa entrevistada, acaba centrando a sua narrativa em Azinhaga. Em sua análise do livro de Saramago, Mondardo (2016) afirma que o autor começa a contar “suas memórias a partir do lugar-mundo que sua memória individual (e coletiva) se recorda, recria, escolhe, seleciona, recorta e inventa, ou seja, a aldeia de Azinhaga”. Aldeia que o fez ‘singular e, ao mesmo tempo, universal, puxou-o pela raiz, fazendo-o, como numa viagem de reencontro, retornar para “acabar de nascer”’ (MONDARDO, 2016, p.146).

Aqui se faz necessário compreender a relação da memória individual com a coletiva. Conforme Halbwachs (1990), a memória individual é também coletiva, ambas dependem uma da outra. Segundo este, “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 25). A lembrança, para este autor ainda, é, em grande medida, “reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente”, que é feita com outras reconstruções elaboradas em períodos anteriores em que a imagem do passado já se apresentou bem alterada. Nora (1993), por sua vez, sustenta que a memória “se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993, p.9).

A memória é também um fenômeno que, quando construído de uma forma individual, pode ser consciente ou inconsciente. “O que a memória individual grava, recalca, exclui e relembra, é evidentemente o resultado de um trabalho de

organização” (POLLAK, 1992, p. 204). Seguindo essa perspectiva de que memória é trabalho de organização, Bosi (1994), tendo por base Halbwachs, afirma que, na maioria das vezes, o fato de lembrar “não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. Diante disso:

(...) deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p. 55).

Amemória que Madalena vai construindo, ou melhor, que vai trabalhando a partir de sua fala, descreve lugares onde viveu, perdas, dificuldades, alegrias, conquistas, vários trabalhos laborais (campo e cidade), mobilidades que projetam futuro e sonhos. Para Woortmann (2000), a memória sempre funciona no sentido de “trabalhar” o passado para criar o presente e construir o futuro. De acordo com esta autora, “a memória é sempre seletiva; ela não dá presença a um passado genérico, mas a determinados eventos, localizados em determinados lugares no espaço e no tempo, dotados de significado em contextos específicos” (2000, p. 213).

Quanto ao relato de mulheres, como o da nossa entrevistada, concordamos com Tomascheski (2018), que aponta que, para Tedeschi (2009), este está permeado de significados. Conforme este autor, em cada relato percebe-se que existem “habilidades, arte própria de desenvolver a memória, não lembrando uma ou outra imagem, mas evocam, dão voz, fazem falar, dizem de novo o conteúdo de suas vivências” (2009, p.179). Para o autor, ao mesmo tempo em que:

(...) evocam, elas estão vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência. A memória e a conservação de si próprias emergem nos relatos. Ao ouvir a voz das mulheres nos relatos, revivemos momentos cruciais com os mesmos, observamos conversas, histórias que produziam imagens e narrativas de um tempo passado de extrema importância em suas vidas (TEDESCHI, 2009, p. 179 -180).

Como este autor ainda defende, compreender e historiar, por meio de suas memórias, os motivos pelos quais as mulheres migram é explorar os sentidos, os significados, as leituras que elas carregam de suas histórias; através das narrativas podemos compor um leque de significados, que precisam ser analisados, interpretados e visibilizados para a história” (TEDESCHI, 2012, p. 10). As memórias aqui trazidas por Madalena são de uma mulher imigrante que, ao longo do seu percurso de vida, realizou, até o presente momento, diversas mobilidades que, por vezes, foram vistas como recomeços de vida nos lugares onde se estabelecia e fixava residência.

Quanto à migração, ela tem o poder de tornar o indivíduo protagonista de sua história, pois, a partir dessa nova realidade, tem-se a possibilidade e, principalmente, a coragem de atuar numa mobilidade espacial (LOTMAN, 1975), percebendo-a como uma oportunidade de modificar o curso dos acontecimentos, de mudar a sua vida. Vangelista (2010, p.15) destaca que, na literatura grega e no imaginário ligado a ela, ensina-se que “o herói é aquele que rompe e ultrapassa os confins, o que vai além do horizonte, o que cria uma descontinuidade não só entre espaços, mas inclusive entre presente e o futuro”, para ele e para o seu grupo. Assim sendo, “a mobilidade é então o núcleo, o sentido da narração, o que leva o protagonista para o meio da História” (VANGELISTA, 2010, p. 15).

Ao analisar a trajetória migratória do piemontês Jean-Pierre Baridon, através das anotações do sujeito, Vangelista (2010) observa que, após ter feito algumas experiências migratórias, ter trabalhado em diversos ofícios, migrando com a sua família e um pequeno grupo de Valdenses para o Uruguai, tendo fundando ali a colônia dos Valdenses, para ele “a distância não parece ser medida tanto pelos quilômetros, ou pelas dificuldades do caminho, mas pelas relações conhecidas ou potenciais que os lugares de emigração proporcionam” (VANGELISTA, 2010, p. 11). Para Baridon e para muitos e/immigrantes, o que possibilita e determina a migração para determinado lugar, assim como a permanência, são os pontos de referência que possuem e as oportunidades que oferecem. Se estas não lhe são favoráveis, o sujeito volta a migrar.

Esses pontos de referência seriam as redes de contatos que os imigrantes possuem. Conforme Assis (2007, p. 751), “desde o momento da partida, a escolha de quem vai migrar, os motivos da migração, a permanência ou o retorno ocorrem de forma articulada numa rede de relações que envolvem gênero, parentesco e geração”. Ainda segundo a autora, “a migração, articulada pelas redes sociais, também vai deixando de ser vista apenas como decisão racional de um indivíduo para ser encarada como uma estratégia de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança em que as mulheres inserem-se ativamente” (ASSIS, 2007, p. 751).

Segundo Santos, “pertencer à rede social implica oportunizar recursos e informações, o que permite ao migrante amenizar as dificuldades de sua travessia, desde sua partida até a hospedagem no local de destino e a garantia

do emprego” (2021, p.57). Ainda para a autora, as redes se formam através de relações sociais que se dão no espaço. A “rede é sobretudo uma relação social, que prescinde do território como lugar do seu acontecimento e movimento” (SANTOS, 2012, p. 69).

Na mesma linha, conforme Saquet e Mondardo (2008), na atualidade, as migrações formam uma “experiência integrada” do espaço, que somente é possível se os migrantes estão organizados em rede, por meio de várias relações que, por muitas vezes, abrangem o local e o global. Nos territórios de origem e de destino, existem múltiplas relações e vínculos criados pelos migrantes quando realizam suas trajetórias e quando se reterritorializam. Assim, na migração, a construção dos territórios “passa por uma dinâmica em redes que conectam diferentes nós interligados através do vínculo e dos contatos estabelecidos” (SAQUET; MONDARDO, 2008, p. 120).

Na história de vida que aqui analisaremos, perceberemos a presença das redes ao longo de todo o percurso migratório. Para maior compreensão sobre a atuação das redes na história de vida analisada, construímos a Tabela 1, tipificando-as.

Tabela 1: Redes nas mobilidades de Madalena

Tipo de redes	Descrição das redes e quando aparecem
Familiar	Familiares do pai de Madalena que a acolhem, sua mãe e irmã em Tirol, Itapúa, Paraguai.
Social	Ajuda dos amigos do esposo para a mudança da família para Santa Terezinha de Itaipu, Paraná, Brasil.
Familiar Transnacional	Nas emigrações temporárias para dois estados da Áustria, intermediadas pelos irmãos do esposo, residentes naquele país, que forneceram informações de oportunidades e acolhida.
Familiar Transfronteiriça	Na emigração para o Brasil para a casa da mãe em Santa Terezinha de Itaipu, Paraná. Ponto de referência durante o período pré e pós-parto de Madalena.
Econômica transfronteiriça	No transporte e comercialização, através da vendedora, da produção da pequena fábrica de Madalena para o Paraguai. País, consumidor de 60% da sua produção.

Fonte: Dados da entrevista.

Na Tabela 1, podemos verificar: a) redes constituídas por parentes ou conhecidos, sendo familiares, ou que possibilitaram a mobilidade dentro do Paraguai; b) redes sociais transnacionais, no caso das migrações da entrevistada

para realizar trabalhos temporários na Áustria; c) como redes transnacionais e transfronteiriças que possibilitam a emigração para o Brasil e a comercialização da produção. Dessa forma, tendo essa base teórica que reflete sobre os conceitos que perpassam essa trajetória, buscaremos conhecê-la e analisá-la.

3 “SÃO LEMBRANÇAS ASSIM...”: PEQUENAS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

A nossa entrevistada, que vivenciou várias migrações, já vem de um contexto familiar em que a mobilidade era frequente. Ela é filha de pais imigrantes que deixaram o Brasil, junto com os seus pais, e partiram em busca de novas oportunidades na atividade agrícola no Paraguai. No caso, ainda, dos avós maternos da informante, estes vivenciaram um retorno para o Brasil em busca de terras em Rondônia, dentro também de um contexto em que muitos migravam para a Região Norte com esse mesmo objetivo.

As memórias dessas migrações dos seus pais e avós foram lhe narradas, em grande parte, ainda quando era criança e passaram a fazer parte de sua história. Para Rouso (2006), a memória é definida como a “presença do passado”, pois “é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional” (ROUSSO, 2006, p. 95). Portanto, a memória é uma construção coletiva. Todavia, ela também tem caráter individual, pois “é o conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge da memória. Origem do sentimento de continuidade temporal, condição necessária da representação da unidade do Eu” (CANDAUI, 2012, p. 61).

Sobre a emigração de brasileiros ao Paraguai, esta se insere dentro de um período histórico em que algumas situações necessitam ser consideradas para que possamos compreendê-las. Albuquerque (2005) elenca cinco processos importantes que se articulam e explicam os volumes da imigração brasileira no país vizinho: 1) a aproximação geopolítica entre os dois países; 2) o movimento migratório que acontece de forma espontânea; 3) a política de estímulo à imigração brasileira feita pelo governo do Paraguai; 4) as mobilidades populacionais para a construção de Itaipu; e 5) o intenso comércio fronteiriço que ocorreu naquele período.

O que motivou a saída da maioria dos emigrantes brasileiros foi, além da questão política dos dois países e do interesse do governo paraguaio na colonização da Região Leste do seu país, o processo de modernização agrícola no interior do Brasil, mais especificamente, nos estados do Sul, empreendido como política de Estado. Esse processo, que se acentua na década de 1970, ocorre em um contexto em que, nessa região, a grande maioria da população estava em pequenas propriedades, constituída por famílias numerosas, que, antes mesmo

do processo de modernização, já enfrentavam dificuldades para permanecer em suas propriedades ou para adquirir novas terras, devido aos altos custos. Diante dessa realidade e devido aos baixos custos para a aquisição de terras e estabelecimento no Paraguai, este país tornava-se atrativo.

Segundo Bárbara (2005), o movimento migratório de brasileiros para o Paraguai classifica-se em três períodos históricos. O primeiro, na década de 1960, constituído por imigrantes originários do Norte e Nordeste do Brasil. Posseiros, que passaram pelos estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, eles prepararam o terreno para a expansão da fronteira agrícola capitalista. O segundo ocorreu na década de 1970, em que o Paraguai recebeu um grande número de camponeses, que migraram do Paraná, Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Foram atraídos pela terra, que era bastante fértil e chegava a ser cinco vezes mais barata que no Brasil. Já o terceiro movimento migratório intensifica-se na década de 1980, tendo relação com o retorno de milhares de famílias brasileiras à sua terra natal.

Nessa realidade, no ano de 1984, no distrito de Santa Teresa, no Departamento de Caaguazú, Paraguai, nasce Madalena. Ainda pequena, seus pais migram para o distrito de Itakyry, no Departamento de Alto Paraná. A população do distrito de Itakyry, como nos informa a entrevistada, era constituída, naquela época, por 90% de paraguaios, havendo um percentual baixo de imigrantes brasileiros, ao contrário do distrito de Santa Teresa, cuja população de imigrantes brasileiros naquele período era bastante significativa. Como descreve a entrevistada, seus pais, com muitas dificuldades, vendiam o excedente do que produziam de alimentos em sua pequena propriedade para poderem pagar as prestações dos 15 hectares de terras que adquiriram.

Sobre as pequenas lembranças do tempo em que viveu em Itakyry, memórias de quando era criança, a entrevistada nos descreve o lugar onde morou como plano e de terra de areia, no qual poderia brincar fazendo “montinhos de areia”. Como Madalena recorda: “A gente plantava algodão, o meu pai sempre costumava, quando era época de pouca chuva, limpar, rastelar e fazer montinho, queimar a vegetação e, assim que caía a chuva, já estava pronto para plantar”. Conforme foi crescendo, ela também foi se inserindo nos trabalhos da roça. A entrevistada se recorda de ter ajudado na colheita de algodão quanto tinha sete anos: “Eu ajudava a colher, eu não aguentava levar o saco para casa, mas eu colhia. Eu me lembro que um dia eu colhi tanto, que eu puxava o saco para um lado e caía para o outro, e não deixava ninguém pôr a mão”.

Quanto à sua casa, descreve-a como muito simples e de chão batido. Um ano antes de acontecer uma tragédia na família, Madalena e seus familiares passam a morar na casa nova: “Nossa! Era aquela casa! Era uma casa nova de madeira, só que era um assoalho simples e naquele ano, após a colheita, ele [pai] iria pôr um [assoalho de madeira] beneficiado [a], mas isso não chegou a acontecer”. O assoalho de madeira beneficiada que iria ser colocado após a colheita, não pode ser colocado, pois seu pai foi assassinado, crime do qual não se sabem as motivações e sem punição dos culpados e que ainda

hoje é vivo na memória de Madalena. Quanto ao assassinato, não entrou em muitos detalhes e nem nós nos sentimos à vontade para perguntar-lhe sobre o ocorrido, apenas deixamos que o silêncio predominasse e seguimos o roteiro da entrevista.

As memórias desse período em Itakyry não são muitas, mas em grande parte estão ligadas a situações em que seu pai se faz presente, nos mostrando o quanto ela deseja evitar que se esqueça o tempo em que esteve com o seu pai. Esse retorno ao passado, como Mondardo observa em Saramago, “não é imparcial, mas cheio de intencionalidades, de escolhas, de objetivos” (MONDARDO, 2016, p.152). A memória, como Candau argumenta, nos dá a ilusão de que “o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança” (CANDAU, 2012, p. 16).

Com o assassinato de seu pai, sua mãe passa a enfrentar dificuldades para sustentar a família, o que a motiva a emigrar com as filhas para o distrito (município) de Tirol, no Departamento de Itapúa, para ficar mais próxima do sogro. Diante disso, Madalena, com 8 anos, faz a sua segunda migração para outro departamento (estado) dentro do Paraguai.

Ela [mãe] foi para outro lugar, é uma colônia bem retirada. Então, a minha mãe foi para lá, foi bem difícil [...]. Ela continuou na agricultura, só que lá tem bastante alemães da Alemanha, que têm propriedade grande. Daí, naquela época eles procuravam famílias para ficarem nas terras e plantarem o que queriam. Às vezes por um aluguel muito acessível, barato, tinha pessoas que nem pagavam nada, só de ficar ali cuidando, ficavam satisfeitas (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Aqui percebemos que a migração é motivada não somente por questões econômicas, mas também por questões sociais ligadas à presença de referências em outro espaço. A mãe de Madalena, como não tinha nenhum familiar próximo que lhe pudesse ajudar, migra para um local onde viviam os familiares do esposo, a fim de buscar o auxílio desta rede. Para Tedesco (2010), as redes acabam organizando e influenciando os comportamentos individuais. Estas se formam, se dinamizam e, ao mesmo tempo, migram, se alteram e se movimentam, havendo trocas e laços; doações e débitos cortam territórios, trabalham como nós, conectados por horizontes de várias dimensões e se fortificam devido às demandas, distâncias, ausências, falta de relação entre os imigrantes. Desse modo, as redes tornam-se fortes com o agrupamento regional e de descendência. Unem-se devido aos objetivos comuns e intenções que se cruzam (TEDESCO, 2010).

Ali mesmo, em Tirol, a mãe da entrevistada acaba se casando com seu cunhado e passa a trabalhar como arrendatária em terras de propriedade de alemães. A prática de arrendamento de terras de imigrantes por outros imigrantes, descrita pela entrevistada, foi bastante frequente nesse período.

Alguns que realizavam esta prática, por este tempo, não precisavam pagar a renda, e outros, como no caso acima, ficavam mais para cuidar das terras desses proprietários estrangeiros.

Quanto ao distrito de Tirol, Madalena sente um choque de realidade pela diferença na geografia desse espaço comparado ao anterior. Ela o apresenta como muito estranho, de terra vermelha, que quando chovia não tinha como sair de casa com o chinelo, devido ao barro. Então, devido à falta de um calçado fechado, o recurso era caminhar descalça pelas estradas em dias de chuva quando ia à escola. Nestes dias, no início da manhã, a entrevistada e sua irmã encontravam uma estrada embarrada e no fim da mesma manhã, devido ao sol, poderiam encontrar uma estrada seca ou ainda embarrada. Apesar disso, a vida ali para ela era muito tranquila. No colégio, na localidade onde vivia, Madalena cursou apenas até o sexto ano. Em casa, afirma que ajudava bastante o padrasto na roça, sendo o seu braço direito nas atividades do campo.

4 “LÁ COMEÇAMOS DO ZERO, DE NOVO”: MEMÓRIAS DE LUGARES E RECOMEÇOS ENQUANTO ADULTA

Madalena foi vivendo ali parte de sua infância, adolescência e juventude até se casar, aos 17 anos, com um rapaz do mesmo distrito. Após o casamento, passaram a residir próximo aos pais do esposo, fazendo, assim, a sua terceira migração. Porém, devido a atritos com a sogra, Madalena e esposo tiveram que emigrar, para ela pela quarta vez.

Fomos morar em outro canto da terra [...]. Pegamos a nossa casinha de madeira, colocamos em cima do caminhão e fomos morar do outro lado da terra [...]. Lá começamos do zero, de novo. Tínhamos dois anos de casados, por aí. Começamos no meio do potreiro, grama alta. Daí naquele dia que fomos, choveu bastante, não tínhamos energia elétrica [...]. Foi assim... (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Em seu relato, Madalena frisa as dificuldades encontradas e o fato de começar do nada a vida em um novo lugar, sem muita estrutura. Ali, seu esposo passou a trabalhar fora como pedreiro e Madalena cuidava da casa, dos animais e do entorno. Nesse tempo, Madalena teve que enfrentar experiências tristes e difíceis, como um aborto espontâneo e o suicídio de seu padrasto. Como a mesma relata:

Daí, de repente engravidei, e [...] nada de experiência, não sabia como era, a mãe pouco falava. Daí, um dia eu tive muitas dores, hoje eu sei que são contrações. É que uma semana antes aconteceu o suicídio, eu vi a situação [...].

Só que eu não tinha certeza se eu [es]tava grávida ou não, daí depois o médico falou: ‘O teu feto parou, vamos deixar mais uns dias para ver o que acontece’. Mas daí já vinha dores e dores. Daí a cunhada levou a gente no hospital, não tinha um centavo em casa, nada de dinheiro e ela falou assim: ‘Não se preocupe com isso que a gente dá um jeito’. Depois disso a gente foi para a Europa (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

As lembranças do ocorrido a chocaram de tal forma que provavelmente levaram à perda do seu primeiro filho. Nesse momento em que o casal não possuía muitos recursos financeiros, o apoio de familiares foi muito importante e é também por meio destes que, após as perdas e tragédia familiar, surge para eles uma oportunidade de trabalho na Áustria. Isto se deu através dos irmãos do marido que já moravam e trabalhavam naquele país: “Eles já moram muitos anos lá [...]. Daí por causa deles, ele teve chance e eu fui junto”. Nesse caso, vale ressaltar o papel das redes familiares, mantidas pelos vínculos transnacionais dos irmãos do marido de Madalena com os familiares que estavam no Paraguai.

Essas redes podem se apresentar de múltiplas formas. Conforme Cavalcanti e Parella, no contexto atual, o desenvolvimento de novas tecnologias na área do transporte e comunicação, entre outros fatores, acelerou a diversificação e multiplicação de conexões transnacionais. A tecnologia, sem dúvida é um feito diferencial, que delimita “un ‘antes’ y un ‘después’ en la configuración de redes y conexiones transnacionales y en sus impactos, así como en la tensión entre localidad y globalidad” (CAVALCANTI; PARELLA, 2013, p. 11).

Para Pedone, “las formas, la articulación y el funcionamiento que adquieren las redes con el tiempo influyen en las trayectorias espaciales y en las estrategias migratorias de los trabajadores” (2000, p. 3). Ainda segundo esta autora:

Desde esta postura, la migración laboral se concibe como un proceso de construcción gradual de una red. Las redes conectan individuos y grupos distribuidos en diferentes lugares, lo que optimiza sus oportunidades económicas al ofrecer la posibilidad de desplazamientos múltiples. En efecto, al reconstruir las trayectorias espaciales se verifica que, a veces, no hay un único punto de destino y que existen en los lugares recorridos intermedios que se constituyen en diversos referentes para los migrantes (PEDONE, 2000, p. 3).

Assim, “as redes sociais tornam-se um recurso precioso, pois constituem o capital social que auxilia pessoas com poucos recursos, pouca experiência profissional e baixo nível de escolaridade na migração de longa distância” (ASSIS, 2007, p. 752), situação em que Madalena e seu esposo se encontravam naquele

período de suas vidas. A entrevistada ainda nos relata que, nos locais onde trabalhou, havia também a presença de imigrantes de outros países, exercendo, como ela, diversas atividades laborais, e que, provavelmente, através das redes, realizavam migrações.

Por três anos, entre 2005 até 2008, o casal emigrou para a Áustria para trabalhar de forma temporária por três meses, exercendo diversas atividades na hotelaria e na atividade leiteira.

Trabalhei de tudo um pouquinho. Também tirei leite. Teve uma temporada que eu fiquei num hotel. Eu era ajudante de serviços gerais, ajudante na cozinha, na parte de pratos e essas coisas na cozinha. Daí, quando não tinha coisa para fazer, eu ia para os quartos. Eu amava arrumar os quartos (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Quando a entrevistada nos relata que trabalhou em tudo um pouco percebemos a impossibilidade das mulheres imigrantes de escolherem o trabalho que irão realizar. Porém, como Guizardi et al. (2020) nos sugerem, aqui aparece a potência feminina na capacidade de fazer de tudo. O elemento do trabalho, presente em grande parte da entrevista de Madalena, aqui é destacado com mais intensidade como se justificasse a sua condição de imigrante, de estar em outro país e ausente em relação aos seus no país de origem.

Sayad, estudioso argelino, defende a tese de que é o trabalho quem “faz ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; e é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que decreta a sua negação ou que empurra para o não-ser” (SAYAD, 1998, p.56). Evidencia-se que o trabalho torna o homem e a mulher sujeitos de sua própria história; quando se torna escasso ou é pouco valorizado, leva ao surgimento do emigrante. Ao fim desses três anos de migrações temporárias, a entrevistada e seu esposo avaliam os custos de tais mobilidades e constatam que o retorno financeiro não era tão vantajoso, o que leva o casal a permanecer fixo no país de origem após o terceiro ano em volta de viagem..

Quanto a este período de sua vida, Madalena o descreve como: “Uma experiência muito diferente, a cultura, o ambiente, o clima, é tudo muito diferente. Eu quero um dia ir de novo com a minha família”. Ao tornar presentes as memórias sobre este período em que viveu na Áustria, seu tom de voz muda e percebemos sua alegria e o desejo de descrever os lugares, as pessoas, as paisagens e as emoções sentidas. Lowenthal afirma que “toda consciência do passado está fundamentada na mesma. Através das lembranças recuperamos a consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem e hoje e confirmamos que já vivemos um passado” (LOWENTHAL, 1998, p.83). Relembrar o passado é fundamental para o nosso sentido de identidade: saber quem somos confirma o que somos. “Nossa continuidade depende inteiramente da memória; recordar experiências passadas nos liga a nossos *selves* anteriores,

por mais diferentes que tenhamos nos tornado” (LOWENTHAL, 1998, p.83). A experiência vivida nesta migração por esta jovem de vinte e poucos anos a marcou profundamente e faz parte de sua identidade.

Sobre os lugares em que morou e trabalhou de forma temporária na Áustria – cidades de Au, Mellau, Uga-alp, no estado de Vorarlberg, e cidade de Montafon, no distrito de Bludenz, estado de Vorarlberg – a entrevistada recorda, dentro do imaginário feminino, as montanhas, montanhas verdes, a natureza que brotava sem ninguém semear e surgia após o gelo descongelar. Recorda, ainda, a cultura, as músicas, do povo, segundo ela, bastante acolhedor, de escalar montanha, das experiências de viajar de avião, a ansiedade pela viagem, saudade dos familiares que ficaram, e contrasta e sente a diferença na limpeza dos ambientes internos e externos, algo que, para ela, era muito difícil de conservar no Paraguai, devido ao lugar em que morava, campo de terra vermelha.

Para ilustrar o período em que esteve naquele país, solicitei-lhe fotos que me foram prontamente enviadas. Escolhemos a que melhor mostra o contraste entre a geografia de ambos os países, Áustria e Paraguai. Optamos pela foto do hotel onde ela trabalhou em uma temporada de inverno.

Figura 1: Hotel UGA ALP de Damüls (2006)



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Quando retorna em definitivo para o Paraguai, não mais trabalhando de forma temporária na Áustria, alguns anos depois, estando em Tirol, Madalena, com 26 anos e grávida, acaba recebendo a visita de um agente que encaminhava papéis para fazer a documentação de filhos de brasileiros residentes no Paraguai, algo muito comum, segundo entrevistados, nesses distritos fronteiriços com o Brasil. Ali existem, ainda hoje, irregularidades na documentação de imigrantes e uma demanda por documentos brasileiros, por parte dos filhos de imigrantes para se buscar serviços públicos no país de origem dos pais. No caso de Madalena, por necessitar de um acompanhamento médico, resolveu providenciar a documentação brasileira, o que lhe permitiu fazer o seu pré-natal em Foz do Iguaçu, no estado do Paraná. Anteriormente, até tentou buscar atendimento médico no seu país, mas preferiu adquiri-lo além-fronteiras.

Entre os nossos entrevistados em pesquisas anteriores e atuais, a busca por serviços públicos de saúde nos municípios fronteiriços brasileiros foi relatada como algo bastante recorrente. Em sua pesquisa junto aos “brasiguaios²”, Marques (2009) constatou que as principais motivações para se buscar atendimento médico no Brasil estão ligadas à gratuidade do serviço, à precariedade da saúde pública do Paraguai, à ausência de documentos paraguaios e à existência de documentos brasileiros e, da parte de alguns entrevistados, ao bom atendimento no Brasil (MARQUES, 2009). É importante ressaltar que, atualmente, a disponibilidade e qualidade dos serviços, segundo entrevistados, são melhores e, dependendo do caso, até melhores que no Brasil, porém, particulares.

Os meses se passaram e, estando próxima de ter sua filha, a nossa entrevistada vem com a mãe para o Brasil, sem saber que esta vinda levaria a mais uma migração. Como a mesma nos relata:

A minha mãe veio de mudança para Santa Terezinha [de Itaipu] e eu vim com a mudança dela e o meu marido ficou no Paraguai, na nossa casa. Eu ia ficar ali só até a minha pequena nascer, e depois eu ia voltar para o Paraguai, mas não foi isso o que aconteceu. Quando ela nasceu, o médico já logo detectou um problema de saúde [...]. Pela doença rara e tudo, o médico falou: ‘Vai ter que ter acompanhamento pelo resto da vida, remédio controlado’. Daí o meu marido falou: ‘Então se é isso, nós vamos vir morar para cá (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Madalena aproveita-se dessa rede familiar, na qual a sua mãe é a referência, para buscar atendimento no Brasil. Segundo Santos, “Táticas e estratégias são acionadas entre os membros da rede, possibilitando que pessoas circulem e habitem em diferentes lugares, fundando um uso do território que não se conforma aos limites físicos das fronteiras nacionais” (SANTOS, 2021, p.55).

Como a entrevistada, muitos imigrantes paraguaios, brasileiros ou filhos de brasileiros, nascidos no país vizinho, buscam apoio de familiares residentes na região de fronteira brasileira. Um ponto de acolhida e referência para serviços, como saúde e educação e, em seguida, acabando retornando para o Paraguai, realizando um movimento de circularidade entre os dois países Marques (2009). No caso dos paraguaios, em pesquisa com um grupo de mulheres paraguaias de classe média baixa na fronteira entre Brasil e Paraguai, Guizardi et al constata que “el desplazamiento en búsqueda de cuidado medico del lado brasileño constituye una de las estrategias de movilidad transfronteriza: las mujeres se mueven a partir de la percepción de una (des)ventaja relativa de protección social pública de salud en Paraguay” (GUIZARDI, et al, 2020, p.514).

Nestas situações, como as mesmas autoras defendem, a proximidade com a fronteira se apresenta como uma “oportunidade”, como também no caso da entrevistada e seu esposo. Porém, neste mesmo caso vemos que o casal, diante da necessidade de um acompanhamento médico especializado maior, em 2010, decide emigrar para o Brasil. Madalena nem retorna mais para o Paraguai. Com a ajuda de alguns amigos, o esposo traz a mudança e o casal se estabelece de forma definitiva em Santa Terezinha de Itaipu.

A gente decidiu, porque não tinha outra escolha [...]. [Esposo:] ‘Não, fica aqui eu vou para lá [Paraguai] buscar a mudança’. Eu nem fui junto fazer a mudança. Ele foi sozinho com uns amigos dele, carregaram tudo e trouxeram para cá. Caí de paraquedas aqui no Brasil, dez anos já (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Desde pequena, a filha de Madalena faz uso de remédios controlados e, com isso, segundo ela, leva uma vida tranquila. Nos primeiros tempos da família no Brasil, surgiram desafios e dificuldades. A inserção no mercado de trabalho era difícil por não serem conhecidos. Porém, puderam contar com a solidariedade de vizinhos com cestas básicas, algo que amparou a família naquele momento. Neste tempo, também acontece algo que mudaria a situação econômica da família.

Daí surgiu aquilo de [...] eu pensava assim [...], porque no Paraguai a gente estava no sítio, sempre trabalhava na roça, sempre inventava alguma coisa. Aí a gente [es]tava um tempo aqui, eu falei: ‘Vou ter que inventar alguma coisa’. O meu marido logo conseguiu serviço de servente de pedreiro. No começo foi difícil, ninguém conhecia. [Nos] primeiros tempos, assim, a gente vivia de doações, de cestas [...]. Um dia eu falei: ‘Vou ter que inventar alguma coisa também [...]’. Um dia passou um carro de som

anunciando que iriam promover curso de lingerie na cidade e o meu marido falou: ‘Vamos lá na reunião, vamos ver o que acontece, como que é’. Daí eu me inscrevi, escutamos o cara explicar (Entrevista realizada *online* na data de 03/02/2021).

Madalena, agora morando na cidade, vivencia outra experiência diferente daquela do campo em que sempre “inventava” algo para fazer, que provavelmente poderia ajudar no sustento familiar do casal. Esta situação, segundo a sua fala, a deixa inquieta pelo tempo ocioso que agora ela passa a ter e porque certamente sabia que a renda do esposo não seria o suficiente para o sustento da família na cidade. Então, diante da proposta do carro de som, vê uma luz para buscar uma fonte de renda para a família.

O curso era somente de videoaulas, com duração total de 8 horas. A empresa prometia comprar as peças, o que, de fato, não acontecia. Atualmente, Madalena vê isso como algo positivo, pois, a seu ver, se a empresa cumprisse com aquilo que ela prometeu, ela estaria ainda hoje dependente dela, produzindo só para ela. Madalena começou a aprender fazendo e foi se reinventando sozinha. Aos poucos, as costuras foram aumentando e as vendas também, remetendo à necessidade de contratação de costureiras, culminando no surgimento de uma pequena empresa. Quanto ao seu esposo, como a mesma descreve: “A gente cresceu e aí chegou num ponto que não dava mais certo ele trabalhar de pedreiro e eu com a costura, então ele começou a trabalhar junto”. Assim, o trabalho, que era de exclusividade da esposa, passa ser tocado junto, pelo casal, e segue ainda hoje.

5 RELAÇÕES DE MADALENA COM O PARAGUAI, PAÍS DE ORIGEM

Como a nossa entrevista se deu de forma on-line, devido à pandemia, questionamos a entrevistada para buscar saber como a empresa lidou com a realidade da Ponte da Amizade fechada, entre 18 de março a 15 de outubro de 2020, sendo que 60% das vendas de sua produção são para o Paraguai e que apenas os caminhheiros poderiam cruzar a fronteira. E Madalena nos relatou as estratégias utilizadas para superar esse momento que poderia levar ao fechamento da pequena fábrica.

Foi uma experiência diferente de novo, porque eu fiz amizade com um monte de caminhoneiros, antes não tinha contato de caminhheiros. As mulheres pediam as coisas e não tinha como passar, só os caminhheiros passavam, por Foz [do Iguaçu] e por Guaíra também. Daí eu mandava pelos caminhheiros (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Por meio do telefone, Madalena formou uma rede que possibilitou o transporte de sua produção articulada à outra rede de vendedoras no Paraguai. A entrevistada, como no caso estudado por Guizardi *et al* (2020), embora em situações diferentes do grupo analisado pelas autoras, soube utilizar-se de estratégias para que a sua atividade laboral pudesse ser desempenhada e chegasse ao país vizinho. Com isto, Madalena conquistou confiança e credibilidade junto às suas clientes e, por outro lado, também tinha essa reciprocidade da parte delas, fator que possibilitou que a produção da sua firma pudesse circular pela fronteira, sendo comercializada no Paraguai.

E hoje já tem a possibilidade de ir lá para o Paraguai, ir numa casa de banco e transferir dinheiro ou depositar dinheiro. As pessoas que são de confiança, que eu já conhecia há muito tempo, mandavam mercadoria e elas depositavam ou depositavam antes. Até teve uma [vendedora] que, entrou na pandemia, começou a vender. Ela um dia me mandou um comprovante, ela falou: 'Olha, [Madalena] eu depusitei tanto para garantir mercadoria'. Então, assim, as mulheres depositavam o dinheiro antes de eu mandar [pausa]. Eu posso dizer que foi o melhor ano para nós, financeiramente foi o melhor ano (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Com isto, a entrevistada soube como e empreender em um dos períodos mais difíceis economicamente em nível mundial e, principalmente, em uma região de fronteira que foi muito prejudicada na questão do comércio, em especial, Ciudad de Leste, onde este ramo econômico era mais forte. Para Madalena, o ano de 2020 foi o melhor ano para a sua pequena fábrica.

Indo mais para o fim de nossa entrevista, questionamos Madalena se, para ela, era melhor Paraguai ou Brasil, se poderia haver um retorno ao país de origem, algo muito comum nessa região de fronteira, onde o ir e vir entre os dois países é constante. Em resposta, concluiu que prosperar financeiramente seria mais difícil no Paraguai e que se sente em casa em Santa Terezinha de Itaipu, onde não teve dificuldade para se adaptar e por isso não pensa em retornar.

A gente trabalha a semana inteira aqui e não suja o chão, só tem sujeira de linha e resto de tecido, não tem sujeira. Se eu vou para o Paraguai, eu estranho muito [...]. Não é que eu não gosto de ir para lá, considero muito o lugar que eu cresci lá [...]. Considero muito o povo de lá, tem as clientes, pessoas que eu vou visitar, muito hospitaleiras e tudo, tem a cunhada, [risada] (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Segundo Madalena, a atividade que exerce atualmente não seria possível de ser realizada onde morava no Paraguai devido à dificuldade de manter tudo limpo em uma região de terra vermelha. Chama nossa atenção o fato de que em vários momentos de sua entrevista a limpeza é constantemente frisada em

sua fala como uma preocupação. Porém, ela expressa em sua fala, um vínculo estreito com o Paraguai, país em que nasceu e no qual viveu até os 26 anos, onde vivem as suas clientes e familiares, como a cunhada com quem compartilha saberes via redes sociais de internet em torno do cultivo de orquídeas.

Eu e ela [cunhada] começamos a nos interessar por cultivar orquídeas praticamente ao mesmo tempo, eu não sabia dela e ela não sabia de mim. Daí um dia ela começou a postar [...] a gente divide experiências [...]. Eu fiz, tipo, um curso na internet [...] sobre cultivo e eu aprendi como fazer e comecei a comprar, e é uma terapia muito gostosa sabe, ver as plantinhas ali, agora eu estou ensinando as vizinhas. É muito gratificante! (Entrevista realizada *online* na data de 03/02/2021).

Em todo o seu relato, Madalena traz elementos do imaginário feminino ligado ao cuidado com a casa, filhas, plantas, a relação com as vizinhas, a limpeza de ambientes, a dimensão do trabalho que apareceu muito forte e as estratégias utilizadas para superar os obstáculos e seguir com o seu negócio. Os lugares e os sentimentos, que a eles se refere, estiveram frequentemente presentes em sua fala. Para Tomascheski, “Nota-se como a memória feminina é construída a partir da significação dos espaços e lugares vividos” (TOMASCHESKI, 2018, p. 80). Quanto ao lugar das mulheres migrantes, Tedeschi, afirma que:

É o espaço onde elas conseguem e podem construir laços de familiaridade e sociabilidade. Por isso, as referências sociais e afetivas presentes nas memórias que contribuem, antes de qualquer coisa, para que elas se agreguem com maior facilidade aos novos espaços culturais e sociais onde vão viver e atuar (TEDESCHI, 2012, p. 10).

Com base nessas vivências em vários lugares, Madalena nos narrou a sua história de vida em cada um deles. Em *As Pequenas Memórias*, Mondardo percebe que Saramago narra as “vivências de um lugar que, ao mesmo tempo que parecem estar congeladas em algum lugar da memória, foram eivadas juntamente com outros lugares, noutros modos de viver e de sentir” (MONDARDO, 2016, p.147).

Em forma de síntese das trajetórias migratórias de Madalena entre Paraguai, Áustria e Brasil, elaboramos uma linha do tempo que contempla os lugares de estadia.

Linha do tempo da história de vida da entrevistada e suas migrações em diferentes lugares



Fonte: Dados da entrevista.

Nos novos espaços, como Madalena frisa constantemente em seu relato, teve que começar de novo, mas não partia do nada para recomeçar e, sim, das experiências por onde passou e viveu, como no caso de muitas mulheres migrantes. Do trabalho no campo e doméstico, teve que partir para buscar trabalho no campo e em outros serviços, em uma migração transoceânica para um continente de onde partiram os seus antepassados. Em busca de saúde da filha, Madalena realiza uma migração transfronteiriça para o país de seus pais e, para complementar a renda da família, passa a produzir por conta própria e se torna administradora de seu próprio negócio. Neste processo, foi aprendendo e intercambiando saberes aprendidos ao longo das mobilidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “TODO MUNDO TEM BASTANTE COISA QUE PASSA NA VIDA...”

O exercício que nos propusemos acima foi o de perceber, através da análise da trajetória de uma imigrante, as implicações dos processos migratórios na vida dos sujeitos envolvidos. As memórias da entrevistada nos possibilitaram compreender os seus percursos dentro de um contexto onde se inserem a emigração de brasileiros ao Paraguai, emigração internacional para a Europa e a emigração para o Brasil ou de retorno a este país para muitos brasileiros em busca de serviços públicos ou por outras motivações.

Constata-se também nas migrações da entrevistada a presença de diversas motivações, como o desejo de seu pai de ser proprietário de terra, a perda violenta de um membro da família, desavenças familiares, busca por novas oportunidades de trabalho e experiências de vida e a busca pela saúde dos dependentes, mostrando que o fator econômico não é o único determinante para levar alguém a emigrar.

Eis as *Pequenas Memórias* dos lugares em que Madalena: os lugares em que viveu, seja no Paraguai, país de origem, como da trágica e violenta perda do pai, da casa nova, das brincadeiras de criança, da migração para junto dos avós paternos, da escola, do trabalho na roça, do casamento e das suas mobilidades, da perda trágica do padrasto e do filho. Ou, idas e vindas entre Paraguai e as cidades da Áustria dentro da mobilidade do trabalho, onde paisagens e culturas diferentes marcaram nossa informante. E por fim, as memórias da mobilidade que levou à busca de saúde para a filha no Brasil e, com ela, a possibilidade de poder investir de forma autônoma em uma pequena confecção. Todas essas *Pequenas Memórias*, narradas pela nossa entrevistada, são permeadas de emoções, marcas, lugares, paisagens, sonhos, desafios, perdas trágicas, recomeços, enfim, outros tantos elementos que nos levam a pensar na complexidade e no desafio de trabalhar com a fonte oral, mais especificamente na modalidade de história de vida.

Em seus relatos, vemos como estas mobilidades vão se dando através de redes sociais e familiares, que vão ganhando também dimensão transnacional e transfronteiriça, possibilitam a emigração a inserção laboral, auxiliam na

permanência nos locais de destino, na busca por serviços públicos e gratuitos, na inserção no mercado de trabalho e, por fim, no transporte e comercialização da produção da pequena confecção.

Por fim, é necessário destacar, dentro dessas mobilidades, a agência da mulher no trabalho, seja nas atividades no campo, no trabalho doméstico, no trabalho temporário, em serviços gerais realizados por muitas delas em outros países, à frente de pequenos negócios, no cuidado da casa e entornos, e dos filhos. A entrevistada é uma imigrante que empreende no país de destino e se insere neste espaço fronteiriço, que lhe traz oportunidade, bem como a circulação e comercialização de sua produção lhe possibilitam a manutenção de vínculos com o país de origem.

NOTAS

¹ O nome Madalena é fictício para preservar o anonimato da fonte.

² O termo “brasiguai” surge como uma denominação dada por um político a um grupo de brasileiros retornados do Paraguai no final da década de 1980 para o estado do Mato Grosso do Sul (WAGNER, 1990). Este grupo apropriou-se desta identidade para exigir do governo brasileiro o direito a terra. O termo, atualmente é empregado a diferentes grupos. Albuquerque (2005) apresenta várias definições atribuídas ao termo “brasiguaios”, a primeira ideia a do imigrante brasileiro pobre que não conseguiu ascender socialmente e acabou regressando ao Brasil. A segunda ideia refere-se aos grandes fazendeiros brasileiros residentes no Paraguai. A terceira, aos filhos de imigrantes que nasceram e possuem cidadania paraguaia. A quarta, aos imigrantes brasileiros e seus descendentes que falam um idioma fronteiriço e misturam características culturais das duas nações. A última definição atribui o termo brasiguai a todos imigrantes brasileiros no Paraguai. Quanto a esta utilização dessa denominação, Sprandel (2006) alerta para o potencial homogeneizador do termo “brasiguaios”, que engloba pessoas de diferentes grupos sociais e situações legais diferentes. Já Baller (2014) constata que houve um “alargamento das definições” quanto ao termo “brasiguai”, podendo ele abranger qualquer pessoa que vive no campo ou que tenha alguma atividade no Paraguai. O que fica claro para o autor “é que as mudanças do significado acompanharam o desdobramento do processo histórico pelo qual esse grupo vem passando, ao longo de sua historicidade, desde o século XX”. Leandro Baller defende que o termo “é manejado conforme a necessidade das pessoas que vivem e fazem parte das fronteiras do Brasil com o Paraguai. O termo passa a ser conveniente, quando se busca auxílio social em um ou outro País” (BALLER, 2014, p.161).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) –Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ASSIS, G. de O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p.745-772, 2007.

- BALLER, L. **Fronteira e fronteiriços: a construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.
- BÁRBARA, M. S. Brasiguaios: território e jogo de identidades. In: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. (Orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 333-346.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTI, L.; PARELLA, S. El retorno desde una perspectiva transnacional. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 21, n. 41, p. 9-20, jul./dez. 2013.
- GUIZARDI, M.; TORRALBO, H. G.; CONTRERAS, E. L. Dialécticas de la oportunidad: estrategias femininas de movilidad, cuidado y protección social entre Paraguay y Brasil. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. 65, n. 240, p. 487-526, sep./dic. 2020.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, (17), nov. p.63-201, 1998.
- MARQUES, D. H. F. **Circularidade na fronteira do Paraguai e Brasil: o estudo de caso dos “brasiguaios”**. 2009. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- MONDARDO, M. L. Dos lugares que vim ao mundo: Na trilha de uma geografia saramaguiana. In: GOETTERT, J. D.; MARSCHNER, W. (orgs). **Transfazer o espaço: ensaios sobre literaturas nômades em metamorfoses de espaços, tempos e sujeitos andarilhos**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2016. p. 145-158.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Les lieux de mémoire. I La République, Paris, Gallimard, 1984, pp. XVIII – XLII. Editions Gallimard 1984. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, (10), dez, 1993.
- PEDONE, C. Globalización y migraciones internacionales. Trayectorias y estrategias migratorias de ecuatorianos en Murcia, España. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de nº 69 (49), 2000.
- POLLAK. M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, [s.n.],v.5, nº 10, p. 200-212. 1992.
- ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 93-102.
- SANTOS, G. A. dos. Redes e território: reflexões sobre a migração. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. da (Orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. 3. ed. rev. e ampl. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. p. 53-80.

- SAQUET, M. A.; MONDARDO, M. L. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista NERA**, v. 11, n.13, p. 118-127, jul./dez. 2008.
- SARAMAGO, J. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SAYAD, A. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SPRANDEL, M. A. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. **Estudos Avançados**, v. 57, n. 20, p. 137-156, ago. 2006.
- TEDESCHI, L. A. Limites de gênero, limites do mundo: memórias de mulheres agricultoras e a luta por direitos sociais. *In.*: **HISTORIA ORAL: Revista da Associação Brasileira de História Oral**, v. 12 n. 1-2, jan.-dez. 2009. – Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral.
- TEDESCHI, L. A. Mulheres de fronteiras: migrações, memória e gênero. *In.*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, 2012. Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis, 2012, p.1 -12.
- TEDESCO, J. C. **Estrangeiros, extracomunitários e transnacionais: Paradoxos da alteridade nas migrações internacionais Brasileiros na Itália**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.
- TOMASCHESKI, E. **“Dos lugares deixados, aos lugares chegados”**: histórias de mulheres brasiguaias do Assentamento Itamarati-MS. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018.
- VANGELISTA, C. Mobilidade social e espacial como objetos da história. *In.*: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, MIGRAÇÕES: MOBILIDADE SOCIAL E ESPACIAL, 19, 2010. São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Oikos, 2010.
- WAGNER, C. **Brasiguaios: homens sem pátria**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990
- WOORTMANN, E. F. Identidades e memórias entre teuto-brasileiros: os dois lados do oceano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre: ano 6, n°14, p. 205-239, 2000.

RESUMO

O presente artigo visa analisar as memórias de uma trajetória de vida de uma imigrante nascida no Paraguai, mas atualmente de nacionalidade brasileira e residente no município de Santa Terezinha de Itaipu, Paraná. Trabalharemos a trajetória considerando desde o seu ponto de partida e mobilidades no Paraguai, emigrações temporárias à Áustria, até sua emigração e estabelecimento no Brasil, buscando identificar o papel das redes sociais e a agência da mulher no trabalho em diferentes setores. Partimos de uma teorização breve sobre a memória e rede para, após, em uma descrição um pouco mais empírica, situar a sua trajetória. A metodologia utilizada é a história oral, na modalidade de história de vida. Por meio desta trajetória identificamos motivações presentes nas mobilidades, como o desejo de ser proprietário de terra, a perda violenta de um membro da família, desavenças familiares, busca por novas oportunidades de trabalho, experiências de vida e a busca pela saúde dos dependentes, mostrando que o fator econômico nem sempre é preponderante para emigrar.

Palavras chave: Mulher; Migração; Memória; Trabalho; Redes.

ABSTRACT

This article aims to analyze the memories of a life trajectory of an immigrant born in Paraguay, but currently of Brazilian nationality and resident in the municipality of Santa Terezinha de Itaipu, Paraná. We will work the trajectory considering from her point of departure and mobilities in Paraguay, temporary emigrations to Austria, to her emigration and establishment in Brazil, seeking to identify the role of social networks and the agency of women at work in different sectors. We start from a brief theorization about memory and network to, afterwards, in a slightly more empirical description, situate her trajectory. The methodology used is oral history, in the modality of life history. By means of this trajectory we identify motivations present in the mobilities, such as the desire to own land, the violent loss of a family member, family disagreements, the search for new work opportunities, life experiences, and the search for the health of dependents, showing that the economic factor is not always preponderant for emigrating.

Keywords: Woman; Migration; Memory; Work; Networks.